

JORNAL DO BRASIL

Fundado em 1891

M. F. DO NASCIMENTO BRITO — Diretor Presidente
BERNARD DA COSTA CAMPOS — Diretor

J. A. DO NASCIMENTO BRITO — Diretor Executivo
MAURO GUIMARÃES — Diretor
FERNANDO PEDREIRA — Redator Chefe
MARCOS SÁ CORRÉA — Editor
FLÁVIO PINHEIRO — Editor Assitente

Trenzinho Caipira

TRANSFORMADA temporariamente em pedra de toque da política brasileira, a questão da dívida externa evolui sobre um terreno perigoso, caracterizado pela falta de experiência internacional de uma boa parcela da classe dirigente brasileira — para não falar nas outras classes.

No âmbito da Constituinte, por exemplo, apareceu há dias a curiosa proposta de levar a questão da dívida à própria justiça norte-americana, sob a alegação de que a dívida é espúria, de que foi contraída por governos "ilegítimos".

A "questão de ordem" tem a ver com um certo estado de espírito razoavelmente difundido. Mas se a dívida é "espúria", vamos abrir mão também dos seus efeitos? Vamos desmontar Itaipu, Tucuruí e tudo o mais que foi construído com dinheiro obtido no exterior? Ajudado pelos empréstimos externos, o Brasil catapultou a sua economia para um lugar de destaque — uma das dez maiores do mundo.

Esta é uma realidade que não se pode perder de vista. O Brasil não é uma pequena república africana, que tem de vender abacaxis e receber o dinheiro na hora para poder comprar parafusos. Se já se disse que no Brasil estão encerradas uma Bélgica e uma Índia, o espaço "belga" cresceu muito depressa em relação ao espaço "indiano". Já há muitas regiões brasileiras com cara de país desenvolvido.

Essa realidade nova ainda é tratada, muitas vezes, com métodos e conceitos antigos. Não é questão de idade, nem de geração, nem do descompasso político produzido pelo longo período autoritário: é antes um resíduo de atraso, eventualmente "caipira", que custa a desaparecer, que atravessa o espaço das idéias apropriadas ao dia de hoje.

A examinar-se, por exemplo, a forte coloração "nacionalista" de alguns discursos políticos, seria de imaginar que o Brasil ainda está na fase de formação da nacionalidade que justificaria uma preocupação obsessiva com os valores do terreiro.

Ora, a "identidade" brasileira está formada há muito tempo, marcada por um bem-sucedido amálgama racial e por uma já longa experiência histórica. O Brasil é um país "consolidado" — e portanto "viável" — desde meados do Segundo Império. Compare-se a nossa experiência histórica e a de outros países da América e se perceberá a diferença: se houve períodos caudilhescos, totalitários, na evolução brasileira, eles continuam a ser amplamente minoritários face à duração dos períodos "constitucionais".

A febre nacionalista que explode em alguns discursos distoa vigorosamente da realidade internacional — que nem sempre observamos com a necessária atenção. Pode-se dizer que nunca houve, na história da humanidade, um período onde fossem tão rápidos e profundos os intercâmbios entre nações ou culturas.

Nem a rigidez do socialismo "ortodoxo" resistiu a essa inseminação recíproca. Os "jeans" invadiram a China — por mais que possam encenar retiradas estratégicas quando há protestos dos setores "reacionários" (isto é, dos que defendem o puritanismo marxista). Na URSS, também se gosta cada vez mais dos "jeans" e do rock; e apareceu, finalmente, um líder partidário disposto a fazer o país andar um pouco mais afinado com o mundo exterior. Da troca de experiências entre o Japão e

Ocidente já é supérfluo falar.

As multinacionais — anátema na boca dos nossos jacobinos — são outro teste da realidade que é a transparéncia das fronteiras. Se elas são o que são, não é em consequência de uma diabólica conspiração capitalista: é porque correspondem ao dinamismo da vida econômica de hoje; e ampliaram expressivamente o nosso mercado de trabalho.

Acelerando o passo, o Brasil conseguiu ingressar no clube das dez maiores economias do mundo. Mas continuamos a ver surgir, de vez em quando, um nacionalismo "verde-amarelo" que teria o seu lugar nos tempos da Semana de Arte Moderna de 1922.

Não é só a idéia nacionalista que aparece, aqui, vestindo roupas de outra época. Noções como as de "progresso", "socialismo", "estatização" continuam a merecer um tratamento definitivamente antiquado.

O cidadão estufa o peito e declara-se "progressista". Era um rótulo do século XIX — o Progresso que, na bandeira brasileira, surgiu acoplado à Ordem. Quem, atualmente, seria contra o progresso, com letra maiúscula ou minúscula? O Partido Verde levanta objeções à idéia, por raciocínios ecológicos; mas não consta que o capitalismo, em contínua evolução, alimente a mesma desconfiança. Também há quem se afirme "socialista" num sentido que ainda não incorporou a guinada chinesa — ou o "reformismo" de Mikhail Gorbaciov.

Por toda a primeira metade do século, a economia "planificada", sob a direção do Estado, parecia incorporar as inspirações dos teóricos da moda — até mesmo no Ocidente, onde o keynesianismo encontrou justificação para intervenções "esclarecidas" do Estado na ordem econômica. O teste dos últimos anos foi arrasador. A crítica ao Estado como patrão e empresário foi feita e refeita. Até onde ela foi absorvida no Brasil?

A experiência estatizante, entre nós, já foi muito mais longe do que era admissível, com os prejuízos conhecidos: há uma diferença cada vez mais gritante entre o "país real" e o país do oficialismo. Mas se todos estão prontos a verberar a "dívida espúria", ainda ecoam em surdina as vozes que denunciam a ineficiência do Estado, o peso descomunal que ele representa para o aparelho produtivo brasileiro, o fato de que ele se meteu onde não devia e termina, assim, não cumprindo o que deveria ser a sua obrigação — dar saúde, educação, etc.

A questão da dívida pode ser uma oportunidade para chamar às falas os dois Brasis. Já não somos exatamente um país do Terceiro Mundo; mas ainda temos de optar entre andar para a frente ou para trás.

Pelo seu porte, a economia brasileira implica uma vigorosa inserção na realidade internacional. A "dívida" é apenas um aspecto desse relacionamento. Podemos discutir seriamente o que ela representa para o projeto de crescimento do país. Podemos conversar de igual para igual — na mesma língua — com o "mundo exterior". Ou podemos iniciar a marcha batida para trás — insistindo na tecla do ressentimento, trabalhando para o isolamento crescente do país. Cultivaremos mandioca, cana-de-açúcar; coçaremos as nossas feridas; e um dia — daqui a cinquenta anos — seremos talvez obrigados a reencenar a Semana de Arte Moderna. Mas a essa altura, o mundo desenvolvido já estará "em outra"; e simplesmente não teremos mais diálogo com ele.